



CÂMARA MUNICIPAL DE CUNHA

“PORTAL DA CIDADANIA”



www.cunha.sp.leg.br

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 6 /2025

Pg. 1 de 3

DISPÕE SOBRE CONCESSÃO DE TÍTULO DE CIDADANIA CUNHENSE A FRANCISCO CARLOS COUPÊ DE ALVARENGA.

Art. 1º A Câmara Municipal da Estância Climática de Cunha, nos termos do artigo 184, §1º, alínea “f” do Regimento Interno desta Casa, e artigo 8º, inciso XVII da Lei Orgânica Municipal, promulgada em 05 de abril de 1990, concede a **FRANCISCO CARLOS COUPÊ DE ALVARENGA**, Título de Cidadania Cunhense como reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à comunidade.

Art. 2º As despesas decorrentes do presente Decreto correrão por conta do orçamento próprio desta Casa, suplementadas se necessário.

Art. 3º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões “Plínio Pereira Coelho”, em 16 de MAIO de 2025.

Jether Luiz de Oliveira Monteiro
“Jether da Santa Casa”

Vereador

PROTOCOLO
614
16 MAI 2025
14:08
CÂMARA MUNICIPAL DE CUNHA

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 6 /2025

Pg. 2 de 3

JUSTIFICATIVA

BIOGRAFIA:

Francisco Carlos Coupé de Alvarenga, nascido no dia 22 de dezembro de 1954, é filho de Marcemílio Carvalho de Alvarenga e Selma Coupé Coelho de Alvarenga. Popularmente conhecido por todos como "Chiquinho" ou respeitosamente como Sr. Francisco, ele carrega em sua trajetória uma profunda ligação com a cidade de Cunha - laço esse que se iniciou antes mesmo de seu nascimento.

Seu pai, Marcemílio, era um comerciante habilidoso e muito respeitado, que utilizava com frequência a antiga e desafiadora rota Paraty-Cunha. Era por esse caminho sinuoso que ele subia em busca dos melhores produtos da terra: feijão recém-colhido, milho, queijos frescos, carnes de qualidade e toda a rica variedade de alimentos que o solo fértil e o povo trabalhador de Cunha podiam oferecer. Esses produtos eram então levados para Paraty, onde abasteciam o comércio local e ajudavam a sustentar a família.

Desde muito pequeno, Francisco observava essa rotina com olhos atentos e curiosos. Como filho mais velho, logo assumiu responsabilidades. Aos 13 anos de idade, já dirigia - ainda que de maneira informal - a Kombi de seu pai, transportando diariamente leite para a cooperativa de Cunha e retornando para Paraty com as mais diversas "novidades" em seu veículo. Não se limitava a produtos agrícolas: calças, botas, cintos, utensílios variados - tudo o que tivesse utilidade ou despertasse o interesse de quem estava do outro lado da serra. Francisco já comprehendia o valor do intercâmbio entre as cidades e agia como um elo vivo entre elas.

Durante sua juventude, além de dedicado às atividades comerciais da família, Chiquinho era figura presente na vida cultural e social da região. Participava ativamente do Rotary Club, um espaço de encontros, debates e confraternizações. Nessas ocasiões, se destacava a incrível equipe musical Marrakesh, organizada por seu primo Cezinha - uma verdadeira febre da época. A música, a amizade e o entusiasmo da juventude marcavam aqueles dias com memórias que perduram até hoje.

Mas seu envolvimento com a comunidade não parava por aí. Também foi jogador da seleção municipal de futebol de Cunha, onde vestia com orgulho a camisa da cidade. Sob a coordenação do saudoso Dr. Pedro, enfrentou adversários respeitáveis como o Botafogo e o América, colocando Cunha em destaque nos campos da região.

Ao longo de toda a sua vida, Francisco jamais deixou de acreditar na importância da estrada que liga Paraty a Cunha. A luta por sua pavimentação e melhoria sempre foi uma causa pessoal. Para ele, mais do que uma estrada, era um símbolo de união entre dois mundos que faziam parte de sua própria identidade. Era por ali que passavam suas memórias, seus sonhos, suas conquistas. E era por ali que ele desejava, um dia, retornar de forma definitiva.



PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 6 /2025

Pg. 3 de 3

Esse retorno aconteceu de maneira definitiva após sua aposentadoria, em um momento de grande transformação pessoal. Após o falecimento de sua esposa, Elina Céli Panaro Ramiro de Alvarenga, com quem construiu uma vida de amor e dedicação, Francisco decidiu que era hora de recomeçar e o fez com coragem e serenidade, ao lado de seu neto Júnior. Foi com ele que se mudou para Cunha, cidade que sempre o acolheu como filho. Enquanto Júnior trabalhava no Procon e no Fórum da Comarca de Cunha, Sr. Francisco mergulhava cada vez mais fundo na alma da cidade, criando vínculos sinceros e duradouros com o povo receptivo e caloroso que ali vive.

Desde 2019, Chiquinho chama Cunha de lar. E não apenas reside na cidade: vive intensamente sua cultura, sua fé e seu cotidiano. É presença constante em celebrações religiosas, demonstrando um amor genuíno pela espiritualidade local. Devoto fervoroso do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora da Conceição, participa com emoção da novena da padroeira, sem faltar um único dia. Com fervor e alegria, envolve-se nas festividades que movimentam e alimentam a fé da cidade e sua presença é sempre notada e valorizada.

Além disso, é membro dedicado do Terço dos Homens, grupo com o qual compartilha orações, reflexões e uma espiritualidade comunitária que o fortalece a cada encontro. Sua fé é uma ponte entre passado e presente, entre tradição e renovação.

Mesmo vivendo hoje em Cunha, Chiquinho nunca abandonou sua essência de conector entre mundos. Continua promovendo, com simplicidade e constância, o intercâmbio entre Cunha e Paraty, como fazia na juventude. Leva e traz histórias, produtos, afetos, ideias. Seu papel como elo entre as duas cidades permanece vivo, pulsante - assim como sua própria história, que continua sendo escrita com gratidão, devoção e amor pelas raízes.

Francisco Carlos Coupê de Alvarenga não é apenas um morador de Cunha. É um capítulo vivo da história da cidade.